

Reflexões literárias e transformação social

Crônicas, contos e poesias

Reflexões literárias e transformação social

Crônicas, contos e poesias

Autores

Paula Cristina Santos Pireneus
Samira Ramos Hammoud
Juliana da Cruz Prado
Rubia Elise de Almeida
Lucas Luis de Faria
Nattiele Vieira de Lima
Vera Lucia Ferreira Pereira
Lucas Menezes de Moraes
Jorge Delmar da Rosa da Silva Junior
Camila Machado Chagas
Marco Antonio Pedra da Silva
Guilherme Godoy

Fotografia

Alexandre Araujo Pimenta dos Reis



2019

Gestão 2015-2019
Universidade Federal da Grande Dourados
Reitora: Liane Maria Calarge
Vice-Reitor: Marcio Eduardo de Barros

Equipe EdUFGD
Coordenação editorial:
Rodrigo Garófalo Garcia
Divisão de administração e finanças:
Givaldo Ramos da Silva Filho
Divisão de editoração:
Branner de Castro Lacerda,
Cynara Almeida Amaral,
Maurício Lavarda do Nascimento,
Raquel Correia de Oliveira e
Wanessa Gonçalves Silva
e-mail: editora@ufgd.edu.br

A presente obra foi aprovada de acordo
com o Edital n. 03/2018/EDUFGD,
de 26 de março de 2018.



Conselho editorial:
Rodrigo Garófalo Garcia
Marcio Eduardo de Barros
Fabiano Coelho
Clandio Favarini Ruviaro
Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi
Rogério Silva Pereira
Eliane Souza de Carvalho

Revisão: Cynara Almeida Amaral,
Raquel Correia de Oliveira e Wanessa
Gonçalves Silva

Todas as fotos que compõem esta obra
foram tiradas na Unidade 2 da UFGD
e são de autoria de Alexandre Araujo
Pimenta dos Reis

Projeto gráfico: Alex Garcia Osti e
Maurício Lavarda do Nascimento

Capa: Alex Garcia Osti e Branner de
Castro Lacerda

Diagramação, impressão e acabamento:
Triunfal Gráfica e Editora – Assis – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R332 Reflexões literárias e transformação social : crônicas, contos e poesias /
Paula Cristina Santos Pirineus ... [et al.]. — Dourados, MS : Ed.
Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.
77 p.

Disponível em pdf no catálogo da editora: <https://www.ufgd.edu.br/setor/editora/catalogo>.
ISBN 978-85-8147-167-9 (versão impressa)

1. Literatura brasileira - Antologias. 2. Crônica brasileira. 3.
Conto brasileiro. 4. Poesia brasileira. I. Pirineus, Paula Cristina Santos.

CDD 23. ed.- B869.8

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD
Maria Isabel Soares Feitosa – CRB1-1571

©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a fonte.

Sumário

- 09 APRESENTAÇÃO
Milenne Biasotto
- 14 COLHEITA QUE LIBERTA
Paula Cristina Santos Pireneus
- 18 O DIA EM QUE MINHA VIDA COMEÇOU
Samira Ramos Hammoud
- 22 SUBÚRBIO
Juliana da Cruz Prado
- 26 MEMENTO MORI
Rubia Elise de Almeida
- 34 EU, QUE NÃO ERA ESCRITOR, ESCREVI
Lucas Luis de Faria
- 38 EU, SEMENTE
Nattiele Vieira de Lima
- 44 LEITOR LETRADO
Vera Lucia Ferreira Pereira
- 48 LACUNA
Lucas Menezes de Moraes
- 58 SOCIOLER
Jorge Delmar da Rosa da Silva Junior
- 62 UM VELHO AFLITO
Camila Machado Chagas
- 68 O HOMEM DA CASA AO LADO
Marco Antonio Pedra da Silva
- 72 A ARTE QUE CRESCER, MORREU E DEPOIS NASCEU
Guilherme Godoy

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

APRESENTAÇÃO

Ao refletir sobre o tema desta obra, “Leitura e a formação social”, logo pensei na leitura como um ato de informação, formação e transformação. Ao passo que nos informamos, damos forma aos nossos pensamentos, organizamos nossas experiências, confrontamos nossas vivências, moldamo-nos como indivíduos. Pela informação, construímos nossa formação, que não se esgota no formar-se, vai além, é um constante transformar-se. A cada leitura, nossa forma construída é alterada, transformada.

É certo que essa minha reflexão se formou a partir de minhas leituras. Uma delas, a brilhante fala de Paulo Freire na abertura ao Congresso Brasileiro de Leitura do ano de 1981: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele”¹. Primeiro, lemos o mundo; depois, a palavra, e, então, retornamos à leitura do mundo. E esta já não é mais a mesma! Felizmente, este é um ciclo infinito, renovável na dialética: leitura do mundo – leitura da palavra – nova leitura do mundo.

À medida que lemos, incorporamos novas ideias, novos conceitos, novas informações e vamos

¹ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 11.

ampliando nosso repertório, tornando-nos leitores maduros, que, segundo Marisa Lajolo, “é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”².

A escola tem um papel fundamental na formação de leitores e, por consequência, na formação social de seus alunos. Na escola, os alunos devem ter contato com diversos textos, de diferentes gêneros, realizando leituras com propósitos vários: para reconstruir o caminho do autor pelas pistas deixadas, para perceber a pluralidade de sentidos presentes nos textos, para ser reflexivo e crítico, percebendo aspectos ideológicos na escrita, e, tão importante quanto, para simples deleite. A escola deve, igualmente, propiciar a leitura de fruição, pelo simples prazer estético, pela deliciosa sensação que ela provoca.

Como profissional das Letras, não poderia deixar de dizer que este papel da escola, de formar leitores de mundo e de palavras, sofreu, recentemente, um ataque cruel no estado de Mato Grosso do Sul: a retirada da Literatura como disciplina independente, tendo sido incorporada às aulas de Língua Portuguesa. Suprimir o espaço da Literatura na escola é, sem

² LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 53.

dúvida, um desserviço às nossas crianças e jovens e à sua formação social.

Diante desse quadro alarmante, numa iniciativa louvável, a editora da UFGD deu “voz” a graduandos de diversos cursos da Universidade Federal da Grande Dourados para abordarem o tema “Leitura e formação social”. Nesta obra, eles expõem — em contos, crônicas e poemas — não somente suas habilidades de escrita, mas, também, suas habilidades de leitura, duas práticas complementares: para escrever bem é preciso ter o que dizer, e só tem o que dizer, aquele que lê, num incessante mecanismo de retroalimentação.

Com uma formação social visivelmente permeada pela leitura e pela escrita, os autores desta obra nos proporcionam inquietantes reflexões sobre o importante papel da leitura na formação social dos cidadãos, sobre seu papel de nos informar, formar e transformar.

Que possamos, como seres inacabados que somos, passar por inúmeras metamorfoses ao longo de nossas leituras, tornando-nos mais sensíveis, mais fraternos e mais iguais.

Milenne Biasotto

Prof.^a Dr.^a do curso de Letras da FACAILE – UFGD

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



COLHEITA QUE LIBERTA

Paula Cristina Santos Pireneus³

Leitura não é mero nome de livraria,
Nem atividade só de estudante.
É coisa de mãe, de pai, de filho e de tia,
É arte de ler, é a chave para ir avante.

Do latim *legere*,
Não quer dizer eleger
Indicando, senão, ato de colher.
É colheita, pelos olhos ou pela sensibilidade do tato,
Do que está ao nosso redor
É descobrir possibilidades, para além de simples fatos.

Ler é conhecer o mundo exterior e apreender com ele
novos mundos,
Novos universos e possibilidades sem fim nem fundo.
É por aí passear
Sem sequer o pé arredar do lugar,
Viajar para lugares que não se limitam ao céu ou ao mar.

³ Acadêmica do curso de Direito – FADIR.

É a possibilidade de aventura até mesmo para aqueles que não gostam de arriscar.

Ainda que remédio não seja,
Há quem como cura a leitura veja.
Mas, como já disse o pai da Emília,
Livros não mudarão o mundo,
Quiçá aqueles que nele vivem.

Afinal, leitura também é cultura.
Não se atribua, contudo, essa qualidade à impensada abstração,
Tampouco à ortodoxia ou ao conhecimento dogmático que oblitera,
Mas, sim, às obras que levam à real reflexão,
Que levam o leitor a abominar o isolacionismo e trazem interdependência à sua esfera,
Sim, também às histórias que permitem criar novas e próprias histórias.

A leitura permite pensar o futuro no presente justamente a partir do passado,
Permite o maior enriquecimento possível inclusive ao mais famigerado
De um poderio inimaginável.
Esse ato de colher permite perceber, compreender e ainda supor,
Permite, portanto, a possibilidade de escolha real e palpável,

Escolha não só de que livro ler, mas de querer compreender, de quem eleger,
E, ademais, possibilita saber incontáveis porquês,
Inclusive os que só surgem a partir do próprio ato de ler.

Tem esta, então, poder de libertação,
De libertar ações que sequer eram pensadas,
De trazer respostas para além do sim e do não.
Faz mobilizar e fomenta a crítica,
E de forma gradativa, alguém passa a ver leitura como a si, de forma intrínseca.

De fato, um caminho sem volta
Assim como não há como desler algo uma vez lido.
A fome de leitura um leitor passa sempre a carregar consigo
E, em um ou outro instante,
Acabará por se lembrar, por exemplo, da cobra que engoliu o elefante.

Se recordar é viver,
Vida em abundância promove a arte de ler.
Leitura, meus caros, não é só ter acesso a conceitos e feitos ou utopias e mitologias,
É também suscitar das páginas memórias e lembranças,
É poder imaginar e fomentar esperanças.

Nestes versos sem métrica definida,
Deixo, então, sobre a leitura minha concepção,
Cabendo apenas ao leitor levar ou não
O conselho implícito que aqui dei para a sua vida.



O DIA EM QUE MINHA VIDA COMEÇOU

Samira Ramos Hammoud⁴

Minha vida começou realmente naquelas férias de janeiro. Foi o primeiro dia em que o vi. Olhei em direção ao caixa e lá estava ele, totalmente deslumbrante. Minha imaginação era tanta que até achei que ele tinha sorrido pra mim. Eu queria tanto me aproximar, nossa, como eu queria! Mas fiquei com medo do que minha tia poderia me dizer.

Quando cheguei à casa da tia Maria, fiquei imaginando: Será que era tão lindo por dentro quanto por fora? Eu precisava conhecê-lo. Durante a semana inteira não parei de pensar nele: o que meus pais diriam se ele voltasse para casa comigo? Será que gostariam? O medo de eles ficarem bravos me perseguia em pensamentos.

Durante toda a semana, eu fiquei absorta em minhas memórias. Todo mundo me perguntava o que tinha acontecido com a menina comunicativa, que

⁴ Acadêmica do curso de Letras – FACALE.

agora só andava calada e pensativa pelos cantos. Eu pensei em contar a verdade: eu estava assim porque tinha algo que não saía dos meus pensamentos, tudo que eu fazia me lembrava ele, mas não contei. Eu senti muita vergonha.

Na tentativa de me animar, minha tia me chamou para passear. Para minha surpresa e extrema excitação, sem saber de nada ela me levou no lugar onde eu o vi pela primeira vez. Eu tinha muitas esperanças de encontrá-lo. Quanto mais nos aproximávamos do local, mais meu coração disparava.

Dessa vez, não esconderia o quanto eu o queria. Contaria a verdade para minha tia.

Chegamos. Entrei. Avistei-o! Ele estava ali, no mesmo caixa olhando para mim. Aproximei-me cada vez mais até ficarmos frente a frente. Minhas mãos suaram instantaneamente, as pontas dos meus dedos formigavam, nunca tinha sentido algo parecido! Eu o queria para mim. Dessa vez eu conseguiria.

Respirei fundo, olhei para minha tia e resolvi contar:

— É... Então... Tia, eu queria te contar uma coisa. As palavras saíam embaraçadas, meu queixo tremia e as pernas bambeavam.

— Pode falar, o que houve?

— Então tia, na verdade, é um pedido.

— Pode pedir o que você quiser.

— Eu estou apaixonada.

Ao ouvir essa frase, ela arregalou os olhos e disse:

— Apaixonada? Mas você tem apenas 6 anos!

— Eu sei, mas não é por uma pessoa...

— É pelo quê, então?

— Pelo livro de poemas da Cecília Meireles. Eu me apaixonei quando o vi, fiquei pensando nele a semana inteira e fantasiando...

Minha tia olhou séria para mim, sorriu e falou:

— Claro que eu te dou esse livro! Seus pais vão amar que você está começando a vida como leitora. Pode pegá-lo na prateleira.

Um sorriso bobo se desenhou em meu rosto. Não aguentei, fui correndo até a prateleira onde ele estava. Lágrimas ameaçavam cair dos meus olhos. Ele era meu! Com as mãos ainda trêmulas, eu o abri maravilhada: ele era tão lindo por dentro quanto por fora.

Li e reli várias vezes. Durante meses, eu andava com ele embaixo do braço e declamava os poemas para quem quisesse ouvir. Eu me sentia parte dele, como se aquele livro fizesse parte da minha história e eu da dele. Eu dançava e sonhava ao ler “A bailarina” e me via cheia de dúvidas quando abria “Ou isto ou aquilo”.

E foi assim que minha vida começou de fato. Eu deixei de ser aquela garota sem histórias. Passei a ser uma leitora que viajava a cada leitura e, junto com os personagens, vivia várias vidas.



SUBÚRBIO

Juliana da Cruz Prado⁵

Encontrei a poesia em um bar,
Meu coração é Maria Bonita, é Sertão.
Meu sangue é Dandara,
Herói não flexiona gênero, heroína é Joana D'Arc, irmão
Não achei poesia no TCC,
Achei na rua, vendo o sol nascer.
Parece até clichê...
Minha poesia é marginal, não tem simétrica
Mas tem muito prazer!
Inclusive, prazer
Luisa Mahin, revolução!
Rosa Parks, contra apartheid
Oxum, proteção.
Ler é correr na contramão, enquanto todos estão
indo, você volta
Primeiro tem que entender a função!
A função mata, mas a morte é livre,

⁵ Acadêmica do curso de Ciências Econômicas – FACE.

Porque o luto de quem luta é mais vivo do que a vida
de quem em vão vive
Carregue as armas com páginas e guerreie com as
ideias
Só as palavras salvam, as palavras de poetas.
Vidas periféricas negociadas na bolsa de valores,
Quando a taxa de juros cai, o trabalho escravo
Ganha mais rumores
Tranquilo, é uma questão de esforço
Meritocracia grita!
Como ratos de esgoto
O capital é como um Deus,
Seu ofício, o mercado,
Mas ninguém controla o coração,
De quem por literatura,
Tem paixão.
Favela vive!
A rua é mais coerente
Do que a Teoria das Elites
A rua é mais poética
Dos que as paredes da Univesity
O fim é uma questão de percepção
Para quem vive de poesia,
Tudo é uma imensa obra, é arte,
Uma eterna canção.

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



MEMENTO MORI

Rubia Elise de Almeida⁶

Tudo começou com um manuscrito encontrado numa garrafa que o sacana do Edgar escreveu e deixou para ser encontrado lá no Ateneu, na copa da trigésima nona janela, só pra se divertir rindo dos colegas. Claro que o Aristarco achou e foi dar com Bentinho. Bentinho, mesmo casmurro, resolveu contar pra Capitu, e Capitu correu para avisar Sara, que é muito amiga daquele monge franciscano que gosta de investigar casos difíceis, o William, com quem aprendeu muita coisa.

Sara retornava, vitoriosa, para o Morro dos Ventos Uivantes, com os longos e negros cabelos cacheados esvoaçando ao compasso do trote do cavalo Rocinante, um sorriso largo e uma aura de paz em seus olhos castanhos, depois de uma volta ao mundo em 80 dias para desvendar o sumiço de seu amigo Júlio, cujo apelido era Corvo, que estava naquele trem azul e, supostamente, foi sequestrado por Tântalo, rei

⁶ Acadêmica do curso de Letras – FACALE.

da Frígia. Ao seu lado vinha o fiel escudeiro Sexta-Feira, que conheceu numa ilhazinha lá no Caribe. A pesada espada, que retirara de uma pedra enquanto passava pela Inglaterra, pendendo desajeitada de sua cintura, era um presentinho que daria para Capitu, sua amiga de infância. Quando, de repente:

— Sara, oh Sara. Saaaaaaaara.

Berrava, escandalosa, dona Cleuza, de dentro da cozinha de madeira velha, com um guardanapo cheio de fuligem do fogão à lenha pousado no ombro, enquanto preparava, às três da manhã, a marmita de Sara. A menina despertava então do sonho confuso e intenso dos seus, há muito idos, doze anos, para em meia hora ir à colheita de algodão.

O lado bom de ser pobre na década de 90 era ter acesso a nada mais que os livros da biblioteca da escola.

Frequentava a parca biblioteca no período da tarde, após a aula, depois de deixar todas as suas forças no carregar de pesados sacos de algodão. Buscava conforto em meio aos livros velhos que crianças de sua idade não se interessavam. Sua vida assim seguia, rotineiramente.

Pouco antes de Sara completar quatorze anos, sua vida deu uma reviravolta.

Um circo chegara na cidade e, com ele, um triste presságio de dor e sofrimento: Gilberto.

Gilberto era um homem quinze anos mais velho e com aparência jovial. Possuía uma cabeleira negra presa em um rabo de cavalo e a pele levemente queimada de sol. Seus olhos verde-água escondiam sua verdadeira natureza. O porte e comportamento eram de um príncipe, mas a alma era turva e suja como um rio lamacento e poluído.

Os olhos amarelados de dona Cleuza refletiam o desgosto e a desaprovação. Os lábios finos retorciam-se em murmúrio e desalento. Cada centímetro daquele corpo exalava reprovação pelo envolvimento emocional de sua filha, sua doce sonhadora, com aquele homem. Coração de mãe não se engana.

Sara lia muitos livros e se imaginava em uma aventura romântica. Deixou-se levar, sem titubear, pela fantasia de um amor e de um país maravilhoso. O lobo se aproveitou da inocência e do romantismo da pequena, levando-a consigo sob promessas de um conto de fadas. E de fato foi. Um conto de fadas original cercado de dores, morte, lamentos e duras lições a serem aprendidas.

Durante a madrugada do domingo de aniversário de quatorze anos da sonhadora menina, eles fugiram com o circo. Sara levou consigo somente a roupa do corpo e os sonhos.

Dona Cleuza acordou cedo no domingo para preparar um bolo para a filha e, ao chamá-la, somente

o silêncio respondeu. O desespero pulsante foi crescendo e se instalou lentamente, pesando no peito, enquanto a cabeça de dona Cleuza analisava e ponderava as possibilidades: “Será que ela já acordou e resolveu ir pra roça no aniversário dela? Onde será que essa menina se enfiou!?” O coração sabia, a contragosto, a resposta para suas dúvidas. As lágrimas molharam a face encovada e ressequida, enquanto os soluços brotavam em espasmos que sacudiam a carcaça velha.

A polícia foi acionada e as buscas começaram, mas Gilberto era mestre na arte de se esconder. Ninguém os encontrou.

Quatro anos de dor. Quatro anos de tormento. Uma eterna purgação. Não se passou um dia sem que dona Cleuza fosse à delegacia da cidade em busca de notícias.

Numa tarde de terça-feira, somente três meses antes do aniversário de dezoito anos de Sara, um telegrama chegou. Os joelhos da mãe encontraram o solo dando graças pela notícia do paradeiro de sua primogênita.

Sara se encontrava sob a custódia da polícia militar em um hospital para dependentes químicos no interior do Rio de Janeiro. Desnutrida e com grave quadro de infecção em uma das pernas devido à última das inúmeras surras que Gilberto lhe presenteara após os programas da noite não terem rendido dinheiro suficiente.

No mesmo dia, dona Cleuza retirou todas as suas economias e embarcou em busca de sua filha. Sara enfim retornava para casa e com ela as dores das escolhas pesando em seus ombros. Seu conto de fadas foi um inferno culminado em prostituição, drogas e o sangue de Gilberto em suas mãos.

Dois anos se passaram até que Sara ficasse livre de sua dependência.

Durante o período em que permaneceu internada na reabilitação, Sara voltou a sonhar. Dona Cleuza emprestava livros da biblioteca pública para sua filha, que os lia como se não houvesse amanhã. Recuperada do vício e da alma, a primeira coisa que fez ao voltar para o seio do lar materno foi retomar os estudos após conseguir um emprego no abatedouro de aves da cidade.

Estudava de dia e trabalhava à noite, no segundo turno da fábrica.

Conseguiu concluir seus estudos básicos rapidamente através de uma prova que nivelava seus conhecimentos, então se aventurou — com um “por que não?” — no vestibular de pedagogia. Assim poderia ter contato com crianças, já que, devido ao abuso de drogas, ficou estéril.

Sara ouvia ruídos maldosos acerca de sua vida, que insinuavam sobre seu trabalho noturno, mas abstraía e tentava não absorver.

Dona Cleuza apenas dizia: “Não liga, filha. Deixe que falem, logo eles esquecem isso.”

Cada conquista de Sara calava a boca de um, e mais um, e outro, e mais outro.

Formou-se pedagoga e investiu em concursos. Passou em primeiro lugar em todos os que fez e assumiu dois dos que mais lhe convinham.

Graduou-se e especializou-se em outros cursos, dentre os quais o que lhe é mais caro: Psicologia.

Hoje, aos cinquenta e cinco anos, Sara lembra, sentada no hall de entrada de sua renomada clínica para crianças vítimas de maus tratos, os passos e tropeços que trilhou, dando a elas o lume de esperança de um amanhã melhor.

“Às vezes, com alguém que amo, me encho de fúria, pelo medo de extravasar amor sem retorno;

Mas agora penso não haver amor sem retorno – o pagamento é certo, de um jeito ou de outro;

(Eu amei certa pessoa ardentemente, e meu amor não teve retorno;

No entanto, disso escrevi estas canções)”

Walt Whitman

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



EU, QUE NÃO ERA ESCRITOR, ESCREVI

Lucas Luis de Faria⁷

Eu que nem sou escritor
aprendi a ler a vida.
Desde cedo já ouvia:
“É preciso ser alguém”.
Era isso que me dizia
minha coroa, dona Maria.
Ela só queria o nosso bem,
enquanto cozinhava,
lavava, varria,
e costurava também.
Aos domingos de labor,
debaixo da lona quente,
sentia e pensava na dor
de toda aquela gente.
Não sabia porque
um povo trabalhador
havia de sofrer.

⁷ Acadêmico do curso de Psicologia – FCH.

Nem sempre fui bom leitor,
tive a realidade
como professora.
Aprendi com a desigualdade
a identificar o opressor.
Os livros como ferramenta
para transformação
me despertaram.
Da conscientização para a luta,
da leitura à ação,
Não admitindo a inércia
num mundo com tanta exploração.
A escrita de resistência
de alguém que não sabia
que um dia poderia
escrever poesia.

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



EU, SEMENTE

*Nattiele Vieira de Lima*⁸

De repente, era sexta-feira. As horas iam passando e minha respiração ia ficando acelerada. Tomei banho. Vesti a roupa, que havia sido comprada especialmente para aquele dia. Minha mãe prendeu meus cabelos, loiros e poucos, em duas chiquinhas altas. Assim que estávamos prontas, junto com o restante da família, nos dirigimos até a Câmara de Vereadores, onde aconteceria uma mesa redonda sobre o cuidado com o meio ambiente.

No plenário estavam as autoridades: professores e diretores de todas as escolas do município. Alguns alunos haviam sido escolhidos para fazer uso da palavra, e eu fui escolhida para representar meu colégio.

Quando a cerimônia começou, meu coração batia tão forte que eu estava com medo de ele ser ouvido por quem estava próximo.

⁸ Acadêmica do curso de Letras – FACALE.

Conforme os alunos eram chamados, eu me apertava ao abraço da minha mãe. Era minha primeira apresentação. Eu estava desnorteada. Não era acostumada a ser protagonista. Na sala de aula, quase não falava. Ficava, geralmente, encolhida no canto, observando em silêncio. Tinha medo que rissem de mim.

Aquele lugar estava cheio. O calor era intenso. Estava abafado. Eu sentia meu corpo suando, trêmulo. O penteado se desfazia na minha cabeça. A pasta em minhas mãos já estava toda amassada. Minha irmã tentava me tranquilizar:

— Você ensaiou a semana inteira. Sabe o texto decorado. Não precisa se preocupar!

Minha professora fez um gesto para mim, indicando que eu seria a próxima. Naquele momento, eu praticamente perdi o ar, senti meu corpo pesado e uma vontade enorme de chorar. E se eu não conseguisse ler? E se eu errasse? E se alguém já tivesse falado algo semelhante? E se...

Pronunciaram meu nome e eu hesitei. Um nó se formou na minha garganta. Senti as mãos quentes da minha mãe me acariciando.

— Fica calma, filha. Não precisa ter vergonha. É só você fazer como ensaiamos. Vai ser lindo! — Ela ajustou as minhas chiquinhas — Vai lá, você consegue!

Providenciaram um banquinho para que eu ficasse à altura do microfone. Lembro-me dos olhares

surpresos das autoridades ali presentes. Com apenas sete anos e cursando a terceira série, eu era a aluna mais nova que se apresentava até aquele momento.

Ainda com os lábios trêmulos e as mãos apertadas, respirei fundo. Abri a pasta e comecei a ler, engasgando nas primeiras palavras. Eu havia escrito aquele texto durante uma atividade em sala de aula. Era a história de uma semente que não queria germinar. Ela tinha medo da dor, do julgamento das outras árvores, do ataque dos pássaros. O incentivo de um amigo fez com que ela se libertasse e germinasse, tornando-se uma grande árvore e produzindo frutos.

Terminei a leitura empolgada, como se estivesse acostumada com os palcos, e logo olhei para a plateia, tentando perceber alguma reação. Aos poucos, as palmas foram se tornando mais altas e, quando eu percebi, praticamente todas as pessoas presentes haviam se colocado em pé para me saudar.

Fiz um gesto em reverência e desci do banquinho. Fui até a mesa das autoridades, cumprimentando um a um. Ali, recebi elogios carinhosos.

— Menina, você só não tem tamanho. É uma artista! Parabéns!

E foi da minha professora, aquela que me encorajou para a apresentação, que recebi um sorriso reluzente e um afago.

— Eu disse que você conseguiria, viu? Estou orgulhosa de você!

Voltei para a minha cadeira sem conseguir esconder o sorriso em meu rosto. Meus pais me receberam com abraços apertados e olhos lacrimejantes.

Eu queria pular, girar, rir. Estava muito feliz. Não acreditava que tinha conseguido. Tinha quebrado minhas barreiras do medo e da timidez. Como a semente da história, eu acabava de germinar. Precisava apenas de um incentivo. Desde então, não parei de dar frutos, inclusive escolhi plantar sementes. Eu, semente!





LEITOR LETRADO

Vera Lucia Ferreira Pereira⁹

Ler...

A educação formal

Tem um papel fundamental

Alfabetizar é ensinar a ler

Mas...

Como ensinar a compreender?

Dicionários ensinam significados

A vida os significantes

A vida... Ah... A vida...

É um evento social

E para nele se apresentar

É preciso saber decodificar

Para que cada convidado

Consiga participar

Venham todos, a entrada é franca!

Leiam! Interpretem!

Reinterpretem!

⁹ Acadêmica do curso de Ciências Sociais – FCH.

Sim...
Faz parte do processo
Ler e interpretar
Para que todos neste evento
Possam um ao outro recepcionar
Formação...
Dar forma
Forma de leitor
Leitor letrado
Hoje e sempre
Seja emancipado
Ler é um direito
Interpretar é uma dádiva
Que, como a cada alvorada,
É inédita a sua magnitude.

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



LACUNA

Lucas Menezes de Moraes¹⁰

Alô. Opa, fiquei sabendo essa semana. Se enforcou na cadeia. É, então... Sim. A história é do jeito que ela é, não como a gente quer que seja.

Não foi só ele que partiu. Junto, morreu o fruto da esperança.

Acontece que um deles nasceu numa comunidade lá para o sudeste do país. O contato que ele tinha com a cultura era pobre: futebol, desenho da televisão e tudo o que envolve a infância de um menino humilde. Durante os anos de aprendizado, ele nunca se dedicou muito a qualquer empresa: fazia o arroz com feijão em casa, o café com leite na escola e depois a vida era bela. Lia, fumava maconha, pegava umas menininhas.

Diferente do Raimundo era o Augusto. Justo e dedicado, ele foi adotado pela mãe já grandinho, uns 12 anos. Destoava da família seu corpo caramelo e

¹⁰ Acadêmico do curso de Letras – FACALE.

aquele olhar atento, das pessoas que nunca parecem estar cansadas. Só era feio, o coitado. Misericórdia. O Augusto levava a sério a criação. Ajudava nas contas quando conseguia algum bico, estudava quando podia. Lia muito, assistia a muito filme. Bem-educado. Porque ele valorizava. Porque essa vida era um destino melhor do que o orfanato. Sei não. A mãe dizia que tinha esperança nele e que no futuro iria colher os frutos do esforço aplicado ao filho.

Raimundo passou uns dias na casa da tia enquanto sua mãe viajava para o nordeste a fim de ver uma amiga que estava nas últimas. Nos primeiros dias, não mudava o hábito: videogame pela manhã, basquete à tarde com garotos da rua, à noite, desenho na televisão e, na cama, um ou outro livro. Nada que não fosse do seu gosto. Até voltar de viagem seu primo Tobias. Uma brincadeira de pega-pega era motivo para abraço apertado. Até demais. Por trás? Raimundo estremecia quando era ele por quem corriam, principalmente quando Tobias o buscava e tocava com seu volume as costas e, às vezes, algo mais ao sul.

Ninguém da família jamais soube.

Muitos anos depois, Raimundo deu a sorte de ser atropelado enquanto trabalhava como entregador. Um carro o fechou e destruiu tanto a bicicleta quanto o pé esquerdo. Indenização generosa. Alegou trauma psicológico, afastou-se do trabalho por mais de dois

anos e conseguiu aposentadoria por invalidez. Investiu numa moeda digital e ganhou o mundo. F i l a n t r o p o. Quem diria. Augusto, não. O feioso seguiu tudo conforme Mamãe havia mandado: estudar muito, trabalhar dobrado, se formar, conseguir um emprego razoável, se casar etc. Era funcionário público, estável, nem rico nem pobre. Aristóteles ficaria orgulhoso. Um dia, foi visitar o Raimundo, que morava sozinho apesar de (ou por causa de?) toda a riqueza. Da primeira vez que viu a casa nova, achou impressionantes o quintal e três quartos, cada um de uma cor, e o aroma de baunilha que bailava pelos aposentos. Achou curioso Raimundo estar sempre rodeado de crianças. Ele chegava, elas iam embora. Criançada amudada, sempre. Educada, bem nutrida. Mundo disse que eram duma favelazinha e elas tinham ali um apoio e incentivo para continuarem “no caminho das coisas boas”.

“Isso é mais um incentivo pra elas não sair do caminho certo.”

“E o quê que elas faz aqui?”

“Tem uns que corta grama, pratica esporte, joga bola... Aí quem é melhorzinho na escola ajuda o coleguinha, né.”

“Tá, mas de graça assim? Ninguém é bonzinho desse jeito.”

“Eu ajudo a família da comunidade toda lá. Daí, em troca, a gurizada vem pra cá ajudar a manter a casa e tal.”

“...”

“...”

Certo dia ele foi sem aviso à casa do Mundo e parou em frente à porta, sobre a qual estava a chave, herança de criação da mãe. Abriu e entrou e considerou gritar o irmão, mas era melhor seguir os sons abafados que vinham do quarto. No corredor, encontrou uma das crianças. Tinha oito ou nove anos, camiseta regata vermelho morto com furos de traça. O menino petrificou, com os olhos arregalados e o cabelo bagunçado para cima. Descalço, foi possível notar a pele morena, suja de terra, e as unhas que não viam corte há um bom tempo.

“Oi.”

“...”

“Beleza? eu sou o Augusto.”

“...”

“...”

O garoto correu, passou por ele e se escondeu no banheiro.

Augusto ergueu a sobrançelha e seguiu em direção ao quarto. Empurrou a porta encostada e esticou a cabeça para procurar o Raimundo, mas os olhos do homem viram demais.

Três crianças sentavam de pernas cruzadas em volta de um Raimundo irreconhecível, vestindo espartilho vermelho e sentado à beira da cama. Em frente a ele, Augusto notou um chumaço de cabelos subindo e descendo, agarrado pelas mãos do irmão, que grunhia e ecoava sons animais sem qualquer pudor.

Não durou dez segundos, mas foi providencial sair da casa.

Augusto foi ao outro lado do quarteirão e sacou o celular

“Alô?”

“Raimundo.”

“Oi.”

“Tô indo aí.”

!

“Cara, vem daqui uns dez minutos, senão não vou conseguir te dar atenção.”

“O que você tá fazendo?”

“Tô ajudando a gurizada num trabalho aqui.”

“Que trabalho?”

“Da escola.”

“Eu posso ajudar.”

“... Não, eu tô terminando... Dez minutos.”

Voltando à casa, Augusto encontra, na sala, um sorridente Raimundo acompanhado de um garoto. Os outros não estavam por ali. Cabisbaixo, ele estava ao lado esquerdo do guardião, que apoiava a mão es-

querda em seu ombro direito. Havia algo escorrendo da boca do garoto. Augusto não deixou despercebido. Ele o fitava de cima, por cima, sem curvar a cabeça. Sério.

“Que isso na sua boca?”

“...”

“Ah, é leite moça que eu dei pra ele. Fez tudo certinho na tarefa, né?”, diz Raimundo, que pisca para o menino.

“Eu perguntei pra ele. Você fala?”

“...”

“Eu sei o que é isso e não é leite moça.” Augusto tirou a chave de seu carro, se agachou e a estendeu ao menino.

“Você sabe abrir um carro?”

O menino assentiu.

“Então pega a chave e espera lá.”

Ele ergueu a cabeça e olhou para Raimundo, que guardou o sorriso em algum lugar. O menino negou com a cabeça e saiu correndo para o quarto. Os dois ouviram a porta ser trancada. Depois, se olharam.

“Me fala que você foi forçado! Fala pra mim que era sua família ou as crianças. Eu vi.”

“Viu o quê?”

“Tudo.”

“Ah.”

Raimundo passou a mão na testa, como se estivesse limpando suor, que não havia. Ele puxa uma cadeira e senta. Convida Augusto para sentar, que se recusa.

“Mundo, me dá um motivo.”

“Ah”. Ele fica quieto pelo intervalo de trinta segundos. “Eu sei que é uma merda, sabe? Eu sei que você acha errado, e que muita gente acha errado.”

“Errado?! Você chama isso de ‘errado?’”

“Mas não é.”

“Não é?”

“Não. O que a gente considera errado é construção de muito tempo. Hoje, a gente acha errado escravizar um preto só porque ele é preto. Um tempo atrás não era assim. Hoje é mais ou menos ok um cara beijar outro cara. Até os anos noventa isso era sinal de doença. Com criança vai ser a mesma coisa, você vai ver. Eu só tô sendo vanguardista.”

Augusto ouvia tudo com testa franzida e olhos inertes.

“Eu não sei o que dizer... você... isso é... onde você aprendeu isso?”

“Eu li nuns livro.”

“Você leu que a pedofilia é aceitável?!”

“Aqui, não, mas nuns canto da Ásia é comum o homem se casar e fazer tudo com a mulher, mesmo sendo menor de idade.”

“Você também leu que muita criança morre nessa?!”

“Acontece. Muita mulher também morre no parto e ninguém sai gritando por isso.”

“Mundo! Presta atenção no que você tá falando, cara! Um minutinho, só. Mamãe não criou a gente pra isso, não, cara! Menininho de nove, dez anos, perdendo a infância pra satisfazer um nojento que nem você! Você sabe o que eu vou ter que fazer, né?”

“Se você pretende chamar polícia ou alguma coisa, boa sorte. Não vai achar nada aqui em casa.”

“As crianças vão contar.”

“Não vão, não. Eu sustento a família de todo mundo. Ninguém ali tem onde cair morto e eles sabem disso. Por isso o Tintin não quis ir pro carro. Vai ficar ruim pra ele e pra família. O esquema é bem simples: eu ajudo a família com grana, que não é pouca, coloco a gurizada em escola particular, ajudo com um puxadinho aqui, um carrinho usado lá, e os meninos chega tudo aqui pra casa. E não é mentira que eles trabalha, é verdade. Tem um que sabe inglês já. Imagina só, o favelado de onze anos falando inglês. Você conhece alguém assim por aqui? Fui eu. Tem gente ali que saiu da miséria, montou um negocinho em casa e tá vivendo bem. Tem uns que eu falei que não precisa descer mais pra cá porque já ficou grande. Eu ajudo eles e eles me ajudam. Você acha que tem que parar?”

“Acho!”

“Você acha mesmo que, por que volta e meia eu faço uma festinha aqui em casa com uma criançada que é bem tratada, cuidadinha, limpinha, eu tenho que ser preso e eles têm que perder o futuro deles? Você é egoísta desse jeito?”

“Não, você tem que ser preso porque tem criançinha te chupando enquanto você veste um espartilho vermelho, seu animal.”

“E se fosse roxo? Eu sempre soube que o roxo combinava melhor... Ei, você anda invadindo minha casa?”

“Eu vim mais cedo e encontrei você f... você sabe o que tava fazendo. Você pensou em tudo, né? As família pobre, todo mundo dependente da mixaria que você dá. Aí, aparece a oportunidade de explorar mais ainda a inocência deles, e você nem pensa duas vez. Eu sabia que você era meio torto na infância, mas isso? Não tem jeito, Raimundo, eu vou ter que chamar a polícia. Você sabe disso, né?”

P: O que aconteceu?



SOCIOLER

Jorge Delmar da Rosa da Silva Junior¹¹

Posso ler-me
Socialmente
Simplesmente
Por me ler

Entender-me
Novamente
Livrentemente
Livrecer

Desfalado
Se letrado
Se livrado
Livro ler

Sociedade
Sem algoz
Literária
Tem sua voz

¹¹ Acadêmico do curso de Letras – FACALE.

Livro meu
Livro teu
Livra a voz
Livra nós

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



UM VELHO AFLITO

Camila Machado Chagas¹²

Matilda levou-me para a sua casa quando eu já tinha vivido alguns bons anos. Já havia sido tão desprezado, e até mesmo ignorado por tanta gente, que acreditava, piamente, não ter chances de fazer mais amigos na vida. Sempre que tentava provar meu valor a alguém, sentia-me mais sozinho do que nunca. Alguns pareciam por mim tão apaixonados que me faziam crer que eu havia mudado suas vidas completamente, mas toda vez que me falavam isto, seguiam em frente e me deixavam para trás. Eu queria mais. Eu queria ser permanente, e sabia que eu era destinado a isto.

Quando chegamos a seu lar, ao passo que atravessávamos os corredores escuros pelos quais ela me levava, eu conseguia prever, com clareza, qual seria o meu destino. Ficaria lá dentro como um prisioneiro para sempre, sendo tratado como um velho sem uti-

¹² Acadêmica do curso de Letras – FACAILE.

lidade para mais ninguém, como muitas vezes havia acontecido. Passaria os dias contando quantas estrelinhas tinham no papel de parede do quarto de Matilda. Pensaria nos jeitos de esgueirar-me para perto dela e tentar chamar sua atenção. Sentir-me-ia só. E, quando estivesse quase enlouquecendo, tentaria conversar com os enfeites do quarto na esperança boba de que eles me respondessem. Ansioso, eu traçava os momentos de minha melancolia um a um meticulosamente.

Já tinha perdido as contas de quantas vezes me embebera de ilusões ao imaginar que quando uma pessoa me tomava em seus braços, ela ficaria para sempre comigo, ansiosa por saber cada detalhe sobre mim. E andaríamos sempre juntos, iríamos ao parque, a cafeterias, a escolas, bibliotecas. Seríamos inseparáveis. Porém o oposto acontecia todas as vezes. Eu sabia que, com Matilda, não seria diferente.

Acomodei-me em sua cama e, de certa forma, sentia que aqueles lençóis acolchoados seriam meus únicos companheiros. Ou talvez eu ainda pudesse deitar-me na poltrona de tempos em tempos. Foi pensar nisto e a pequena atirou-me nos braços daquele móvel florido que ficava em seu quarto com certa violência. Ocorreu-me que aquele relacionamento talvez não fosse para mim, que aquilo me despedaçasse e que, no fim de tudo, ainda faltassem partes de mim.

Jogado no velho sofá, observava tudo a minha volta: os armários antigos, os murais repletos de fotos com aquela menina sorrindo em quase todas elas. Ao passo que observava o resto da mobília que compunha aquele ambiente, avistei a garota sorridente das fotos sentada na cama e praticamente irreconhecível. Naquele momento, o que tomava conta de seu rosto não era um enorme sorriso, mas uma enxurrada de lágrimas. Ela passava uma das mãos pelos olhos e soluçava, vertia um choro baixinho, desolador.

Permanecemos assim durante algum tempo. Ela esfregava os olhos levemente inchados, e eu a observava em silêncio. A franja colada na testa, a curva nos lábios e o brilho das lágrimas lamentavelmente decorando suas bochechas. Foi então que me dei conta: estava apaixonado por Matilda. Desejava, mais do que tudo, ser seu confidente. Gostaria de poder ajudar, e sabia que eu era capaz, bastava que ela me desse a chance. Nunca havia conhecido alguém que quisesse tanto salvar quanto aquela garota que se movimentava poeticamente e parecia carregar sobre as costas o peso de um mundo.

Depois de alguns minutos, o telefone tocou. Com a voz embargada, ela respondeu que estava bem e que a bagunça de sua vida se ajeitaria. Percebi a tensão no ar enquanto ela escolhia as melhores palavras para responder cada pergunta. Comentou

algo sobre uma briga e eu perguntava-me, conforme ouvia a conversa, que tipo de pessoa poderia brigar com uma menina tão doce como se mostrava Matilda. Aprendi com meu tempo de vida, com uns poucos amigos e sempre observando tudo que pessoas são, por vezes, complicadas e as relações entre elas muito mais. Então, ela desligou o telefone e olhou para mim. Colocou-me contra seu peito e suspirou. Quando sua respiração parecia voltar ao normal e uma expressão mais calma tomou conta de seu rosto, a menina dirigiu suas primeiras palavras a mim, as quais nunca poderei esquecer, nem em um milhão de anos: “Você é meu único amigo”, ela disse, e pude sentir que era verdade.

Matilda acariciou minha capa, passou a mão pelas minhas folhas e, finalmente, conheceu-me. Lendo-me, fizemos companhia um ao outro por horas até a chegada da madrugada. E eu pude, então, saber e sentir que era correspondido. Ela também apaixonou-se por mim. Tive a impressão de que, pela primeira vez na vida, eu havia encontrado um lar, ou melhor, que meu lar havia me encontrado.

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



O HOMEM DA CASA AO LADO

Marco Antonio Pedra da Silva¹³

O homem da casa ao lado nunca sorria.
E se uma criança lhe desse oi,
seu rosto mostrava a apatia.
O homem da casa ao lado nunca chorava
e o pobre passando fome não lhe importava.

O homem da casa ao lado já não tinha tato
e a perfumada flor não lhe invadia o olfato.
O homem da casa ao lado era o dono da moral,
mas todos tinham medo de sua maneira brutal.
O homem da casa ao lado era sempre ranzinza,
tinha a vida toda cinza.

Um dia, o homem da casa ao lado veio a falecer
e seu coraçãozinho gelado parou de bater.
Pobre homem!

¹³ Acadêmico do curso de Artes Cênicas – FACAILE.

Esqueceu o coração...
E viveu uma vida toda em vão.

Ah, se ele tivesse pego um bom livro para ler...
Quantas coisas boas deixou de conhecer?
Quantas descobertas deixou de fazer?
Sabe o que o homem da casa ao lado lia?
Teoria monetária e o extrato de sua conta bancária.

LIBERTA NÃO MORI NASCEU
MORREU LADO VELHO

ESCREVI VIDA ESCRITOR
LITERÁRIAS COMEÇOU LACUNA
MEMENTO LETRA TRANSFORMAÇÃO
AFLITO ARTE

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

SOCIOLER SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

TRANSFORMAÇÃO LEITOR

LIBERTA LADO NASCEU NÃO MORI
VELHO MORREU

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES

SUBÚRBIO CRESCEU LETRA DEPOIS

CRÔNICAS MINHA POESIAS SOCIAL
SEMENTE LEITOR

LETRADO COLHEITA REFLEXÕES



A ARTE QUE CRESCER, MORREU E DEPOIS NASCEU

Guilherme Godoy¹⁴

Assim que fechou o velho livro da biblioteca, o qual ocupara mais de quinze dias de sua existência e a deixara intrigada, decidiu que queria ser artista.

— Mãe, eu vou ser artista! — disse com os olhos altos de uma alma que sonha.

— Mas pra onde você vai sendo artista? — quis saber a mãe.

— Não sei, só sei que vou pra algum lugar.

A mãe não discutiu. Sabia que era apenas um desejo passageiro de adolescente.

Logo se matriculou nas aulas de violão perto de sua casa. Tocou as seis cordas por quase três anos, até arriscou cantar... Percebeu que não era aquela a sua via.

“Por que você não faz um curso de informática, bebê?”, questionava a mãe carinhosa como nunca.

¹⁴ Acadêmico do curso de Artes Cênicas – FACALE.

Fez um curso de maquiagem artística. E era pincel daqui, pancake de lá, sombra de cima, látex de baixo. “Até que era gostoso pintar rostos”, pensava, todavia não era aquilo que queria.

“Maquiagem é legalzinho, mas tem muitas coisas melhores, tipo... Não sei... Enfermagem?”, sugerira a mãe, saboreando um pedaço do sonho que fugia.

Dançou balé, sapateado, jazz, dança de rua. Bateu o pé, deu piruetas, moveu o quadril. Achou que não estava expressando o que sentia. Foi aí que desistiu.

— Talvez a arte não seja pra mim afinal. Talvez eu deva fazer administração, biologia, matemática, psicologia, geografia, mas nada de arte — disse ela com a voz em tons de cinza para a mãe.

— Ah, meu amor! Tudo bem. Sempre estarei com você! — disse desprevenida com a voz de quem enfim viu que tinha razão.

Quando terminou o ensino médio, conseguiu ingressar em um curso qualquer. Estudou, estudou, estudou e começou a cair na almofada do conformismo... Seguiu fingindo que gostava.

Foi uma ótima aluna. Mesmo assim passou despercebida.

Levantava, ia para a aula, morria, voltava para casa, fazia relatórios, preparava seminários, resenhas, trabalhos e dormia. Levantava, ia para a aula, morria,

voltava para casa, fazia relatórios, preparava seminários, resenhas, trabalhos e dormia. Levantava, ia para a aula, morria, voltava para casa, fazia relatórios, preparava seminários, resenhas, trabalhos e dormia. Assim levou seu corpo vazio por três anos.

Um dia, surpreendeu-se na biblioteca da sua faculdade com um pedido de ajuda.

— Olá, você poderia me ajudar? — perguntou uma voz que andava na corda bamba.

— Sim, claro!

— É que eu tô no primeiro semestre e nunca peguei um livro aqui na biblioteca.

— Você pegou a localização do livro?

— Peguei. É justamente essa tal localização que tá me confundindo!

— Deixa eu ver? — a moça entregou o papel. — Venha aqui — falou sorrindo.

Então foram buscar o livro esperado, e seus olhos cresceram e incendiaram-se. Era uma obra sobre teatro.

— Valeu! — agradeceu e foi embora a perdida.

Ela ficou ali, na frente daqueles livros que pareciam dar risadinhas disfarçadas diante daquele olhar repleto de paixão e pânico.

Pouco fechou os olhos naquela noite. A visão dos livros atormentou seu sono e, quando finalmente dormiu, eles apareceram em seus sonhos.

No outro dia, pegou um dos exemplares e o levou para casa. Leu em três dias com o carinho de uma avó e com a ferocidade de um tigre. Depois, se aventurou pelas tragédias gregas... riu das comédias... leu peças de Shakespeare... Brecht... Molière e de tantos outros autores. Foi a espetáculos maravilhosos e a outros de que não gostou tanto. Viu dramas, musicais, peças do absurdo e performances curiosas.

— Mãe, vou deixar a faculdade — avisou.

— Por quê? — perguntou a mãe com olhos de buraco negro.

— Eu tô no lugar errado.

— Mas por quê? Você vai tão bem na faculdade. Vai ser uma profissional de primeira linha. Olha, te garanto, hein?! Vai enriquecer!

— Eu só quero ser artista.

Nem o choro da mãe a impediu. Deixou a faculdade e entrou em um grupo de teatro da cidade.

Tocou violão, cantou, fez maquiagem, dançou, escreveu, pintou, costurou, dirigiu, interpretou, produziu, expandiu o corpo e a mente, a voz e a alma. Conheceu pessoas que amou, entrou no meio e fez a festa, quer dizer, fez as peças. Fez tudo o que uma artista de teatro podia fazer e um pouco mais, participou de oficinas e estudou por conta própria a teoria. Respirou, comeu, bebeu, viveu teatro.

A mãe, depois de um tempo, aceitou a decisão da filha.

— Ai, meu anjo! Como é lindo te ver feliz! — confessou a mãe um dia.

Riu da mãe, a abraçou e sentiu o cheiro do amor e do orgulho.

Mas foi estranho quando percebeu que ainda faltava alguma coisa para completar seu ser de vez. Percebeu que sua arte estava sendo só sua e quis extravasar todo o conhecimento adquirido.

Começou a dar aulas de teatro para crianças que careciam. Trabalhou anos e anos com pequeninos que emitiam uma luz sempre radiante... Ah, como os amou! Foram eles que a fizeram preencher o corpo de uma vez por todas como um ser artista.

De suas aulas, saíram diversos e distintos fazedores de arte, não só de teatro, mas de todo tipo de arte que se possa imaginar. Formaram grupos de teatro profissionais, ingressaram em faculdades de artes cênicas, visuais, de música. Surgiram professores que mostraram para outras pessoas os caminhos da arte.

Depois de muito tempo começou a se esquecer. Alzheimer. Não sabia mais o que era teatro. Esqueceu-se de tudo, menos da moça perdida na biblioteca.



Papel Capa: Triplex 250 gr
Papel Miolo: Pólen Soft 80 gr

Diagramação, Impressão e Acabamento



Assis - SP
Fone: (18) 3322-5775
Fone/Fax: (18) 3324-3614
vendas@graficatriunfal.com.br
www.graficatriunfal.com.br